

# O esgotado

*Tradução:*

Ovídio de Abreu

Roberto Machado

O esgotado é muito mais que o cansado. “Não é um simples cansaço, não estou simplesmente cansado, apesar da subida.”<sup>1</sup> O cansado não dispõe mais de qualquer possibilidade (subjéitiva) – não pode, portanto, realizar a mínima possibilidade (objéitiva). Mas esta permanece, porque nunca se realiza todo o possível; ele é até mesmo criado à medida que é realizado. O cansado apenas esgotou a realização, enquanto o esgotado esgota todo o possível. O cansado não pode mais realizar, mas o esgotado não pode mais possibilitar. “Peçam-me o impossível, muito bem, que mais me poderiam pedir.”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> *Nouvelles e textes pour rien*, Paris, Minuit, p.128. Beckett traduziu alguns de seus textos do francês para o inglês ou do inglês para o francês, outros foram traduzidos sem sua participação. Como Deleuze leu e citou todos os textos em francês, para evitar alguma possível discrepância entre as citações e sua interpretação, traduzimos sempre a partir do francês. (N.T.)

<sup>2</sup> *L'Innommable*, Paris, Minuit, p.104.

Não há mais possível: um espinosismo obstinado. Ele esgotaria o possível porque está esgotado ou estaria esgotado porque esgotou o possível? Ele se esgota ao esgotar o possível, e inversamente. Esgota o que *não se realiza* no possível. Ele acaba com o possível, para além de todo cansaço, “para novamente acabar”.

Deus é o originário ou o conjunto de toda possibilidade. O possível só se realiza no derivado, no cansaço, enquanto que se está esgotado antes de nascer, antes de se realizar ou de realizar qualquer coisa (“renunciei antes de nascer”).<sup>3</sup> Quando se realiza um possível, é em função de certos objetivos, projetos e preferências: calço sapatos para sair e chinelos para ficar em casa. Quando falo, quando digo, por exemplo, “é dia”, o interlocutor responde: “é possível...”, pois ele espera saber o que pretendo fazer do dia: vou sair porque é dia...<sup>4</sup> A linguagem enuncia o possível, mas o faz preparando-o para uma realização. E, sem dúvida, posso utilizar o dia para ficar em casa; ou posso ficar em casa graças a um outro possível (“é noite”). Mas a realização do possível procede sempre por exclusão, pois ela supõe preferências e objetivos que variam, sempre substituindo os

---

<sup>3</sup> *Pour finir encore et autres foirades*, Paris, Minuit, p.38.

<sup>4</sup> Cf. Brice Parain, *Sur la dialectique*: a linguagem “não diz o que é, diz o que pode ser... Você diz que está tropejando, e alguém lhe responde no campo: é possível, pode ser... Quando digo que é dia, não é porque seja dia..., [mas] porque tenho alguma coisa para realizar, à qual o dia só serve como ocasião, pretexto ou argumento” (Paris, Gallimard, p.61, 130).

precedentes. São essas variações, essas substituições, todas essas disjunções exclusivas (a noite/o dia, sair/voltar...) que acabam cansando.

Bem diferente é o esgotamento: combina-se o conjunto das variáveis de uma situação, com a condição de renunciar a qualquer ordem de preferência e a qualquer objetivo, a qualquer significação. Não é mais para sair nem para ficar, e não se utilizam mais dias e noites. Não mais se realiza, mesmo que se conclua algo.<sup>5</sup> Sapatos: fica-se; chinelos: sai-se. Não se cai, entretanto, no indiferenciado, ou na famosa unidade dos contraditórios, e não se é passivo: está-se em atividade, mas para nada. Estava-se cansado de alguma coisa, mas esgotado de nada. As disjunções subsistem, e até mesmo a distinção entre termos é cada vez maior, mas os termos disjuntos afirmam-se em sua distância indecomponível, pois só servem para permutar. Sobre um acontecimento basta dizer que ele é possível, pois ele só ocorre confundindo-se com nada e abolindo o real ao qual pretende. Só há existência possível. É noite, não é noite; chove, não chove. “Sim, fui meu pai e meu filho.”<sup>6</sup> A disjunção torna-se *inclusa*, tudo se divide – mas em si mesmo –, e Deus, o conjunto do

---

<sup>5</sup> Para dar conta da distinção terminológica que Deleuze estabelece entre *réaliser* e *accomplir*, traduzimos sempre o primeiro termo por “realizar” e o segundo por “concluir”. (N.T.)

<sup>6</sup> *Nouvelles et textes pour rien*, op.cit., p.134.

possível, confunde-se com Nada, do qual cada coisa é uma modificação. “Simples brincadeiras do tempo com o espaço, ora com uns brinquedos, ora com outros.”<sup>7</sup> Os personagens de Beckett brincam com o possível sem realizá-lo; eles têm muito a fazer, com um possível cada vez mais restrito em seu gênero, para ainda se preocuparem com o que ocorre. A permutação das “pedras de chupar” em *Molloy* é uma das passagens mais célebres. Desde *Murphy*, o herói se dedica à combinatória dos cinco bolinhos, mas com a condição de ter eliminado qualquer ordem de preferência e ter, assim, conquistado os 120 modos da permutabilidade total: “Ofuscado por essas perspectivas, Murphy caiu estatelado sobre a grama, ao lado dos biscoitos dos quais se poderia dizer, com tanta justeza quanto pode ser dito das estrelas, que o brilho de um era diferente do brilho do outro, e de cuja essência ele só poderia dar conta com a condição de não mais preferir um a outro.”<sup>8</sup> *I would prefer not to* [Preferiria não], segundo a fórmula beckettiana de *Bartleby*. E toda a obra de Beckett será percorrida por séries exaustivas, isto é, esgotantes, principalmente *Watt*, com sua série de equipamentos (meia curta-meia longa, botina-sapato-chinelo), de móveis (cômoda-penteadeira-toucador, de pé-de patas para o ar-no ventre-nas costas-de lado, cama-porta-janela-fogão:

---

<sup>7</sup> *Watt*, Paris, Minuit, p.75.

<sup>8</sup> *Murphy*, Paris, Minuit, p.73.

quinze mil disposições).<sup>9</sup> *Watt* é o grande romance serial onde o sr. Knott, com a única necessidade de não ter necessidade, não reserva qualquer combinação a um uso particular que excluiria os outros, e do qual seria preciso esperar as circunstâncias.

A combinatória é a arte ou a ciência de esgotar o possível, por disjunções inclusas. Mas apenas o esgotado pode esgotar o possível, pois renunciou a toda necessidade, preferência, finalidade ou significação. Apenas o esgotado é bastante desinteressado, bastante escrupuloso. Ele é forçado a substituir os projetos por tabelas e programas sem sentido. O que conta para ele é em que ordem fazer o que deve e segundo quais combinações fazer duas coisas ao mesmo tempo, quando ainda necessário, só por fazer. A grande contribuição de Beckett à lógica é mostrar que o esgotamento (exaustividade) exige um certo esgotamento fisiológico, mais ou menos como Nietzsche mostrava que o ideal científico exige uma espécie de degenerescência vital, como, por exemplo, no Homem da Sanguessuga, o consciencioso de espírito que tudo queria conhecer do cérebro da sanguessuga. A combinatória esgota seu objeto, mas porque seu sujeito está esgotado. O exaustivo e o exausto (*exhausted*). Seria

---

<sup>9</sup> *Watt*, op.cit., p.208-9, 212-4. François Martel fez um rigoroso estudo da ciência combinatória, das séries e disjunções em *Watt*: "Jeux formels dans *Watt*", *Poétique* 10, 1972. Cf. *Malone meurt*, Paris, Minuit, p.13: "Tudo se divide em si mesmo."

preciso estar esgotado para se dedicar à combinatória, ou seria a combinatória que nos esgota, que nos leva ao esgotamento, ou os dois juntos, a combinatória e o esgotamento? Mais uma vez, disjunções inclusas. Talvez seja como o avesso e o direito de uma mesma coisa: um sentido ou uma ciência aguda do possível, junta, ou melhor, disjunta a uma fantástica decomposição do eu. O que Blanchot disse de Musil se aplica perfeitamente a Beckett: a mais elevada exatidão e a mais extrema dissolução; a troca indefinida das formulações matemáticas e a busca do informe ou do informulado.<sup>10</sup> Estes são os dois sentidos do esgotamento, e os dois são necessários para abolir o real. Muitos autores são polidos demais, e se contentam em proclamar a obra integral e a morte do eu. Mas se permanece no abstrato enquanto não se mostra “como é”, como se faz um “inventário”, incluindo os erros, e como o eu se decompõe, incluindo o mau cheiro e a agonia: como em *Malone meurt*. Uma dupla inocência, pois, como diz o esgotado (ou a esgotada), “a arte de combinar ou a combinatória não é minha culpa, é um castigo do céu. Quanto ao resto, eu diria não culpável.”<sup>11</sup>

Mais do que uma arte, trata-se de uma ciência que exige longos estudos. O combinador está sentado

---

<sup>10</sup> Maurice Blanchot, *Le livre à venir*, Paris, Gallimard, p.211. A exacerbação do sentido do possível é um tema constante em *O homem sem qualidades*.

<sup>11</sup> *Assez*, in *Têtes-mortes*, Paris, Minuit, p.36.

à escrivaninha: “Numa douta escola/ Até a ruína do corpo / A lenta decomposição do sangue/ O astucioso delírio/ Ou a tediosa decrepitude...”<sup>12</sup> Não que a decrepitude ou a ruína venham interromper o estudo. Ao contrário, elas o concluem tanto quanto o condicionam e o acompanham: o esgotado continua sentado à escrivaninha, “cabeça inclinada apoiando-se nas mãos”, mãos na mesa e cabeça nas mãos, cabeça rente à mesa. Postura do esgotado, que *Nacht und Träume* retoma, desdobrando. Os danados de Beckett formam a mais impressionante galeria de posturas, de passos e de posições desde Dante. E, sem dúvida, Macmann observava que se sentia “melhor sentado do que em pé e melhor deitado do que sentado”.<sup>13</sup> Mas era uma fórmula que convinha mais ao cansaço que ao esgotamento. Deitar-se nunca é o fim, a última palavra: é a penúltima. Pois corre-se o grande risco de descansar demais se não para se levantar, ao menos, para virar-se ou rastejar. Para deter o rastejante, é preciso colocá-lo num buraco, plantá-lo num vaso, onde, não podendo mais mover seus membros, revolverá, no entanto, algumas lembranças. Mas o esgotamento não se deita e, quando chega a noite, continua sentado à mesa, cabeça esvaziada em mãos prisioneiras,

---

<sup>12</sup> Cf. o poema de Yeats [“The tower”, 1927] que inspira a peça para televisão ... *que nuages...*

<sup>13</sup> *Malone meurt*, op.cit., p.129.

“cabeça inclinada em mãos atrofiadas”, “sentado uma noite à mesa com a cabeça nas mãos... levantava sua cabeça desfalecida para ver suas desfalecidas mãos”, “crânio sozinho no escuro lugar fechado posto sobre uma tábua...”, “as duas mãos e a cabeça formam um pequeno monte”.<sup>14</sup> É a mais horrível posição para se esperar a morte: sentado, sem poder se levantar nem se deitar, espreitando o golpe que nos fará ficar de pé uma última vez e nos deitar para sempre. Sentado não tem volta, não se pode revolver sequer uma lembrança. A esse respeito, a canção de ninar é ainda imperfeita: é preciso que ela pare. Talvez seja preciso distinguir a obra deitada de Beckett e a obra sentada, a única que é última. Pois entre o esgotamento sentado e o cansaço deitado, rastejante ou plantado, há uma diferença de natureza. O cansaço afeta a ação em todos os seus estados, enquanto o esgotamento diz respeito apenas à testemunha amnésica. O sentado é a testemunha em torno da qual o outro gira, ao desenvolver todos os graus de seu cansaço. Ele está ali antes de nascer, e antes que o outro comece. “Houve um tempo em que eu também girava assim? Não, estive sempre sentado neste mesmo lugar...”<sup>15</sup> Mas por que o sentado está à espreita das palavras, das vozes, dos sons?

---

<sup>14</sup> *Cap au pire*, Paris, Minuit, p.15; *Soubresauts*, Paris, Minuit, p.7, 13; *Pour finir encore et autres foirades*, op.cit., p.9, 48.

<sup>15</sup> *L'Innommable*, op.cit., p.12.